

LINGUAGENS VISUAIS E COMEMORAÇÃO

Monica Pimenta Velloso*

Acostumados a lidar com o universo das palavras, para nós, historiadores, a linguagem das imagens constitui ainda certo desafio. Se no cotidiano as nossas percepções de mundo e a construção de significados estão cada vez mais permeados pela cultura visual, essa presença só agora começa a se manifestar na pesquisa e no ensino da história.

A oficina “Linguagens visuais e comemoração” constitui momento oportuno para tentarmos uma integração mais harmônica e prazerosa das linguagens visuais às nossas práticas profissionais, na perspectiva de obtermos novos caminhos teórico-metodológicos. A falência dos grandes paradigmas explicativos está aí, manifestando-se mais vivamente ainda no campo das ciências humanas.

Roger Chartier (1994)¹ destaca a ameaça do estatuto de cientificidade da história que vê desaparecer os modelos estruturais, substituídos pelas dinâmicas por meio das quais os indivíduos constroem os seus vínculos sociais identitários. Na literatura, a teoria da recepção também implica nessa mudança de paradigma. Em entrevista recente, Wolfgang Iser (1999)² acentua a importância crescente dos efeitos do texto sobre o leitor. Nas artes plásticas e visuais, há muito desfez-se qualquer tipo de compromisso com verdades pré-estabelecidas. Enfim, a questão que se coloca hoje não é mais a de extrair um sentido intrínseco ao texto, mas a de perceber como ele modifica o leitor (ou re-

* Doutora em História Social pela USP e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa (Faperj). Coordenou a oficina “Linguagens visuais e comemoração”.

1 Chartier, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 7(73), pp. 97-113, 1994.

2 Iser, Wolfgang. Leituras de um mundo fingido (entrevista de Wolfgang Iser) *Prosa e Verso*, *O Globo*, 18 de setembro de 1999.

ceptor) e também é modificado sensivelmente por ele. A idéia de “verdade” desloca-se para uma realidade continuamente formatada e reconstruída, dando surgimento a uma outra ordem de valores, marcada pela subjetividade, ficcionalidade e também pela proliferação da memória.

Dá a importância de nós, historiadores, sensibilizarmo-nos para esse cenário em mudança. É cada vez mais através das imagens que o grande público entra em contato com o passado. Esse fato é decisivo. A aceleração vertiginosa da história, levando à proliferação dos suportes de memória (1984)³, obriga-nos à construção de um novo olhar, cada vez mais apurado, mais sensível e crítico.

Partindo do pressuposto de que “o signo visual é construído para ser visto”, vários estudiosos, sem subestimar a produção, vêm enfatizando a importância da recepção⁴. Esse foi um dos propósitos da oficina: buscar reciprocamente a construção do olhar e os significados da linguagem visual. Como o olhar os percebe? Como tais significados são reconceituados? Como, enfim, são vistos e pensados?

Só com a dinâmica da intertextualidade, da pluralidade de perspectivas e do diálogo vivo é que poderemos trilhar esses novos caminhos teórico-metodológicos. Aqui não cabe a postura neutra do “observador participante” mas o desencadeamento de um trabalho conjunto, resultado da interação entre pesquisadores, pesquisados, produtos e contextos históricos.⁵ O que significa o ato de comemorar no contexto atual da nossa história? Como podemos ler as imagens comemorativas, resignificando-as como veículos de intervenção político-cultural? Essas foram algumas das idéias que nos motivaram no planejamento da oficina “Linguagens visuais e comemoração”.

Resolvemos trabalhar com a idéia da imagem no seu sentido mais amplo. A imagem em movimento foi abordada na oficina de Mariza de Carvalho Soares, que desenvolveu o tema da descoberta do Brasil por meio do cinema e da tevê. Mariza partiu do contraponto entre o filme de Humberto Mauro, *O Descobrimento do Brasil* (1937), e uma propaganda recente dos Correios e telégrafos, inspirada na carta de Pero Vaz de Caminha. Já a imagem fixa foi abordada na pintura e na caricatura. José Bittencourt historiou o desenvolvimento da pintura histórica no Brasil, relacionando-o à idéia da comemora-

3 Nora, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.

4 Gombrich, E. H. O experimento da caricatura. In: *Arte e ilusão*. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

5 Feldman-Bianco. “Bela Introdução”. In: Leite, Míriam Moreira (org.). *Desafios da imagem*. Campinas, Papirus, 1998.

ração memorialística, incessantemente dramatizada. A Monica Velloso, coube falar sobre a caricatura. Trabalhando com as revistas humorísticas do Rio de Janeiro – década de 1920 –, mostrou como esse imaginário expressa a desconstrução e a ressemantização do discurso comemoracionista. A imagem como visualização do passado nos monumentos urbanos foi a temática desenvolvida por Paulo Knauss.

Enfim, a idéia foi trabalhar com os mais diversos suportes memorialísticos abrangendo cinema, pintura, caricatura e monumentos. As oficinas foram desenvolvidas através de estratégias específicas, a critério dos seus próprios organizadores. A sua dinâmica centrou-se no uso de imagens e na sua leitura, analisando-se questões desde a espacialização e temporalidade da imagem, passando pelo seu enquadramento, foco, sua figuração, seus elementos gráficos, pictóricos e demais recursos formais.

A proposta foi a de instigar os participantes a empreender a leitura de imagens distintas, estabelecendo relações entre elas, mostrando, enfim, a visão como algo continuamente em movimento, captando coisas num círculo à sua própria volta, constituindo o presente para nós do modo como estamos situados (Berger, 1999).⁶

Essa viagem no passado-presente já apontando para o futuro constitui o próprio ofício do historiador. Cabe-nos a função de estar sempre formulando questões para o passado, ampliando, dessa maneira, o nosso horizonte reflexivo. Como nos lembra Ítalo Calvino “só teremos no século XXI o que levamos desse século”. E a visibilidade é uma das propostas dessa bagagem que estamos transportando para o próximo milênio.

6 Berger, John. *Modos de ver*. Rio, de Janeiro, Rocco, 1999.